

O AUTOR DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E CULTURA

Laisa da Silva Abade (PIBIC/CNPq/FA/Uem), ra99527@uem.br
Viviana Carola Velasco Martinez (Orientadora), vcvmartinez@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Psicologia: Estados subjetivos e emoção / Relações interpessoais /
Desenvolvimento social e da personalidade / Desvios da conduta.

Palavras-chave: psicanálise, cultura, violência doméstica.

Resumo:

Este trabalho aborda o tema violência doméstica, especificamente no que diz respeito ao agressor, a literatura científica aponta para diversas explicações sobre o autor de violência doméstica, como a presença de características psicopatológicas nesses homens, ou, mesmo, abordagens que dão ênfase apenas à punição, e, finalmente, como algo mais recente, a proposta de oferecer assistência aos autores de violência doméstica, como meio de instrumentalizá-los para novas formas de resolução de conflitos. Entre as nossas próprias hipóteses, em relação a esse fenômeno, supomos a existência de uma angústia do agressor frente ao feminino, pois a figura da mulher poderia ser símbolo da perda de algum poder ou estatuto. Nesse sentido, a agressão seria uma forma de enfrentar e anular angústia diante da possibilidade de perda, por exemplo, da sua masculinidade. E por fim, a segunda hipótese se refere a considerar um conjunto de fatores sócio culturais, além do psíquico, que levariam o agressor a agir dentro do que Saffioti (1989), chama síndrome do pequeno poder, o que articulamos à ideia do pai primevo, de Freud, e o contrato social, de Rousseau, do que tiramos consequências.

Introdução

Os índices da violência doméstica no Brasil, são alarmantes. Só em 2015 foram notificados 749.024 casos. E, atualmente, pelo isolamento social durante a pandemia, esses números se multiplicaram no mundo. Segundo a pesquisa “Violência Doméstica Durante Pandemia de Covid-19”, realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), “243 milhões de mulheres e meninas (de 15 a 49 anos) em todo o mundo foram submetidas à violência sexual ou física por um parceiro íntimo”. Para além dos dados estatísticos, Lenore Walker (Senado Federal, 2018) se refere à violência que acontece na forma de ciclos que se intensificam gradativamente, podendo resultar na morte da vítima. Estes dados permitem pensar em vários fatores, como a educação recebida pelas pessoas desde a infância ou as heranças

culturais de uma sociedade machista e patriarcal, como a brasileira, e a consequente discriminação da mulher e do feminino. Além de apontar tais características, amplamente discutidas na literatura científica, formulamos hipóteses explicativas, norteadas pela psicanálise, sobre a violência doméstica e o seu autor.

A escolha desta temática decorre da constatação que o fenômeno da violência doméstica, no Brasil, atingiu índices alarmantes e a atuação do psicólogo neste contexto pode ser expressiva para amenizar o problema. O psicólogo instrumentalizado teórica e tecnicamente pode intervir em torno dos fatores emocionais e afetivos, socioculturais, envolvidos na situação da violência doméstica, contribuindo, assim com a formulação e implementação de políticas públicas com vistas ao enfrentamento desse fenômeno e, ainda, a uma intervenção junto ao agressor, pois estamos diante de um sintoma, tanto individual, quanto da cultura, uma cultura da violência em expansão.

Materiais e métodos

Nesta pesquisa, inspirada na psicanálise, elegeu-se o método psicanalítico de leitura flutuante e interpretação do material levantado. Recorremos a diversos textos freudianos, livros e artigos científicos que enfocassem o agressor doméstico. Como objetivo geral para esta discussão, nos propomos compreender o agressor doméstico a partir da relação entre cultura e agressividade humana. E, como objetivos específicos temos: 1) Explicar a inserção do indivíduo na cultura; 2) Compreender as influências da cultura sobre a agressividade humana; e 3) Investigar a articulação entre o pulsional e o cultural no funcionamento psíquico do agressor doméstico. Para tanto, utilizamos como fonte os bancos de dados da CAPES, PsychInfo, SciELO e PePSIC.

Resultados e Discussão

Para abordar o autor de violência doméstica, realizamos uma sucinta apresentação sobre o que se tem dito em meios científicos sobre agressores domésticos. O artigo escrito por Silva, Coelho e Moretti-Pires (2014), destaca que as condições materiais precárias, baixa escolaridade, abuso de álcool e outras drogas e testemunhos de agressões domésticas durante a infância podem ser agravantes para a emergência de condutas violentas no âmbito doméstico.

Além disso, tornou-se indispensável foi compreender a relação dos casais. E para tanto, selecionamos um trabalho de Kehl (2004), no qual ela afirma existir diferenças de visibilidade entre o masculino e o feminino. Para ela, o macho seria mais valorizado na esfera pública, enquanto a mulher seria mais valorizada na esfera privada. Porém, com advento da burguesia, o homem passou a ocupar também os espaços privados da sociedade, como o lar. E, então, a mulher passou a ser responsável por assegurar a masculinidade do homem. E quando isso não acontece, é possível que conflitos se iniciem na vida doméstica.

Também, na discussão, formulamos hipóteses para explicar as ações do agressor. Uma delas diz respeito às manifestações destrutivas que surgem diante da angústia masculina ante ao feminino. Neste sentido, abordamos a representação de mulher no imaginário masculino, levando em consideração as fantasias que orbitam em torno do feminino como algo ameaçador e perigoso. Também foram discutidas as origens destas fantasias, como uma construção infantil que se atualiza na vida adulta. Esta construção trata-se da angústia de castração, ou seja, a angústia de uma perda narcísica da criança que tem outros desdobramentos na vida adulta. Neste sentido o homem estaria diante da ameaça de uma perda, enquanto a mulher estaria diante de uma perda consumada e ameaçadora.

Ainda apontamos como este autor de violência doméstica, dentro desse imaginário de gênero, se coloca acima de tudo e todos para subordinar a mulher e os demais membros da família às suas vontades e de forma destrutiva. Isso nos permitiu apontar para algumas, características perversas que atuam na psique deste ser humano que, é autor de violência doméstica contra a parceira, conforme Ferraz (2010).

Também, a partir das nossas leituras, olhamos para o agressor doméstico articulando três proposições: o pai primordial, de Freud (Ramos, 2003); o Estado, de Rousseau (2016); e a síndrome do pequeno poder, de Saffioti (1989). Consideramos que há semelhanças entre o pai supremo, o Estado e a síndrome do pequeno poder. Esta síndrome consiste na atitude de uma pessoa para manter outras mais vulneráveis sob controle, ainda que seja pela violência. Estas atitudes podem ser a repetição de uma violência sofrida passivamente ou um meio para atingir um máximo poder socialmente. A busca pelo máximo poder seria uma aspiração por atingir o estatuto de um padrão mais elevado na sociedade.

A semelhança entre pai primevo, Estado e síndrome do pequeno poder ocorreria no sentido de haver a sobreposição da vontade um (ou de poucos) à vontade do todo, prejudicando o bem comum. Tais considerações implicaram uma compreensão que envolve tanto variáveis culturais quanto psíquicas. De modo que ambas convergem para a emergência de eventos destrutivos. Sendo este também um caminho para o melhor entendimento sobre o autor de violência doméstica.

E por fim, mostramos que a mulher da atualidade já não se porta mais de modo tão passivo diante do homem e da violência doméstica, mas, ainda assim, a assimetria persiste na relação entre o masculino e o feminino. No entanto, a gradativa mudança das mulheres provoca impactos sobre o homem e impele os indivíduos masculinos a repensarem seu lugar no mundo e suas condutas em relação à parceira e à família como um todo, muitas vezes o fazem com ações mais violentas ainda.

Conclusões

Decorrente de tão diversos e complexos fatores psíquicos e sócio culturais, consideramos que há muito, ainda para se pesquisar. Por um lado, o fenômeno do isolamento social coloca em aberto as tensões da vida

conjugal, mas, por outro, é necessário pensar a violência doméstica como algo do âmbito privado. Também, e muito importante, compreendemos que as mulheres mudaram e o mundo também se tornou mais justo para elas, embora ainda, a violência doméstica nos mostra a resistência. Porém, mesmo assim, ainda há muito por fazer, pois as relações assimétricas persistem. E a equidade entre os gêneros conduz os seres masculinos a repensarem seu lugar na família e na sociedade como um todo, formando uma sociedade mais justa e menos opressora. Portanto, não se trata apenas de incentivar a denúncia, isso é importante, mas também temos que cuidar e oferecer uma escuta para todos os atores da violência doméstica. Mulheres que permitem, homens que não tem limites.

Agradecimentos

Às instituições pelo apoio financeiro, e à minha orientadora que tão bem me apoiou ao longo desta jornada de aprendizagem sobre o ser humano.

Referências

- Echeburúa, E., & Amor, P. J. (2016). *Hombres violentos contra la pareja: ¿tienen un trastorno mental y requieren tratamiento psicológico?*. **Terapia psicológica**, 34(1), 31-40.
- Ferraz, F. C. (2010). **Perversão** (5a ed). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kehl, M. R. (2004). A impostura do macho. **Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre**, 27(1), 90- 102.
- Ramos, G. A. (2003). **Angústia e sociedade na obra de Sigmund Freud**. São Paulo: Editora da Unicamp.
- Rousseau, J. J. (2016). **O contrato Social**. Porto Alegre (RS): L&PM.
- Saffioti, H. I. B. (1989). Introdução. In: Azevedo, M. A., Guerra, V. N. A. (Orgs). **CRIANÇAS VITIMIZADAS: A SÍNDROME DO PEQUENO PODER**. São Paulo (SP): IGLU, 13-24.
- Senado Federal. (2018). Os indicadores da violência. In:_____. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais**. Brasília: Senado Federal, Observatório da mulher Contra a Violência.
- Sechrist, S. M., & Weil, J. D. (2018). “Assessing the Impact of a Focused Deterrence Strategy to Combat Intimate Partner Domestic Violence.” **Violence Against Women**, 24(3), 243–65.
- Silva, A.C.L.G., Coelho, E.B.S., & Moretti-Pires, R.O. (2014). O que se sabe sobre o homem autor de violência contra a parceira íntima: uma revisão sistemática. **Revista Panamericana de Salud Pública**, 35(4), 278–283.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). **Violência Doméstica Durante Pandemia de Covid-19**. Nota técnica de 16 de abril de 2020.